

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E LETRAS**

**VITOR LUIZ DE FRANÇA**

**O IMPERIALISMO ALEMÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS (1871 – 1945)**

**TAUBATÉ – SP**

**2022**

VITOR LUIZ DE FRANÇA

**O IMPERIALISMO ALEMÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS (1871 – 1945)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Sociais e Letras de Taubaté, sob orientação do Prof. Dr. Isnard De Albuquerque Câmara Neto, como parte dos requisitos para obtenção da graduação em licenciatura na área de História

**TAUBATÉ – SP**

**2022**

VITOR LUIZ DE FRANÇA

**Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi  
Universidade de Taubaté - UNITAU**

F814i França, Vitor Luiz da  
O Imperialismo alemão e suas consequências (1871-1945) /  
Vitor Luiz de França. -- 2022.  
35 f.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,  
Departamento de Ciências Sociais e Letras, 2022.  
Orientação: Prof. Dr. Isnard de Albuquerque Câmara Neto,  
Departamento de Ciências Sociais e Letras.

1. Rivalidades. 2. Expansionismo. 3. Conflitos. 4. Imperialismo.  
I. Universidade de Taubaté. Departamento de Ciências Sociais e  
Letras. Curso de História. II. Título.

CDD – 325.32

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Luciene Lopes - CRB 8/5275

VITOR LUIZ DE FRANÇA

**O IMPERIALISMO ALEMÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS (1871 – 1945)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Sociais e Letras de Taubaté, sob orientação do Prof. Dr. Isnard De Albuquerque Câmara Neto, como parte dos requisitos para obtenção da graduação em licenciatura na área de História

---

Professor Doutor Isnard de Albuquerque Câmara Neto – UNITAU

---

Professora Doutora Rachel Duarte Abdala – UNITAU

---

Professor Doutor Edson Trajano Viera – UNITAU

## DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho ao meu professor do Ensino Médio, Professor Marins Castilho Leite, por ter sido o primeiro a mostrar como a disciplina de História é interessante de ser estudada e como lecioná-la de forma divertida pode ser prazeroso demais, assim como foi o primeiro a incentivar seguir a carreira de docente, que, de fato é uma profissão necessária e importante hoje e sempre.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha família em especial meus avôs que sempre cuidaram de mim, sempre me incentivaram a continuar estudando e nunca desistir

Agradeço aos professores do Ensino Médio do Colégio Unitau, principalmente o de História por tudo que me ensinaram não só das disciplinas como ensinamentos para serem levados para o resto da vida. Ao meu professor de História como já dito que despertou o interesse em mim de cursar essa disciplina e exercer a função de professor.

Agradeço aos professores do Departamento de Ciência Sociais e Letras da Universidade de Taubaté que assim como os anteriores, também me ensinaram inúmeras lições que vão além da disciplina específica que cada um leciona.

Em especial agradeço ao Professor Armindo Boll por ter sido o primeiro orientador e ter me ajudado com os primeiros passos para produzir esse trabalho bem como agradecer ao atual orientador, professor Isnard por ter aceitado continuar e supervisionar o trabalho.

Agradeço aos Professores Marins e Wanderlan Ramos de Carvalho Filho por terem me supervisionado nos estágios, bem como toda as dicas e ajuda que ambos deram mostrando de perto como é o trabalho de um docente na escola.

## RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo analisar e discutir como as ações imperialista e a ganância de indivíduos podem vir a serem causas de conflitos e guerras, e como delas derivam os sentimentos de vingança e revanchismo presente nos derrotados e posteriormente como esses sentimentos se revelam de maneira a causar ainda mais conflitos. Em especial será analisado a Alemanha e como suas ações impactaram a Europa durante os séculos XIX e XX assim como tentar dissertar sobre as causas e motivos de diversos conflitos ocorridos durante esse período. O trabalho se sustenta realizando revisão bibliográfica de autores renomados que estudaram o período Contemporâneo de nossa História e baseando-se nesses trabalhos é possível levar alguns pontos em consideração, sendo eles o de não dar margem ao cultivo de sentimento de vingança e revanchismo, bem como não dar espaço para discursos de ódio e autoritarismos, pois todos esses pontos só levarão a um ciclo de conflitos infinito.

Palavras-chave: Rivalidade; Expansionismo; Conflito e Europa.

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>08</b>
<b>Capítulo 1 - Antecedentes.....</b>	<b>09</b>
<b>Guerra dos Trinta anos.....</b>	<b>09</b>
<b>As Reformas Alemãs .....</b>	<b>11</b>
<b>Guerra dos Ducados.....</b>	<b>14</b>
<b>Guerra Austro-Prussiana.....</b>	<b>16</b>
<b>Guerra Franco-Prussiana.....</b>	<b>18</b>
<b>Capítulo 2 – Primeira Guerra Mundial .....</b>	<b>20</b>
<b>A Grande Depressão .....</b>	<b>25</b>
<b>Capítulo 3 A Segunda Guerra Mundial.....</b>	<b>28</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>34</b>
<b>Referências .....</b>	<b>35</b>

## INTRODUÇÃO

Atualmente França e Alemanha são nações amigas, cooperando em diversos setores e sendo responsáveis por liderar a União Europeia; porém este cenário amigável não está presente desde o início da história de ambos os países. Para então entender como chegaram a isso é necessário primeiramente lembrar que a Alemanha teve sua unificação como nação tardiamente ao se comparar com outros países europeus, o que acabou por pressionar a nação com o objetivo de se expandir e se tornar uma potência em um curto espaço de tempo, mudando a balança europeia do final do século XIX até a metade do século XX, quando por grande consequência das ações alemãs irá decorrer duas Guerras Mundiais. A França é o principal país a ter disputas e conflitos com a Alemanha (que é o objeto de estudo desse trabalho) portanto a mesma será citada e muitas vezes comparada em vários aspectos com a Alemanha. Este trabalho está dividido em três capítulos sendo o primeiro e mais importante responsável por explicar as origens e posterior processo de unificação dos povos germânicos; O segundo responsável por dissertar sobre o comportamento e as ações da Alemanha durante Primeira Guerra Mundial e finalizar com suas principais consequências; Já o terceiro e último capítulo é responsável por analisar o sentimento revanchista alemão, que estava presente sob as ações do Governo Nazista e seu Líder Adolf Hitler. Abordando também como suas ações levaram ao estopim para a Segunda Guerra Mundial.

## O IMPERIALISMO ALEMÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS (1871 – 1945)

### Capítulo I: Os antecedentes

#### A Guerra dos Trinta Anos

O chamado Sacro Império Romano Germânico que tinha sua capital localizada em Viena e era liderado por Fernando da Estíria da Áustria aliado de vários principados alemães católicos, bem como aliado da Espanha de Fernando III formavam um lado do conflito, tendo o objetivo de eliminar o protestantismo na Europa Central, já o lado oposto era formado por outros principados alemães protestantes, A Dinamarca e a Suécia que estavam lutando por sua independência e liberdade religiosa, mas onde a França se encontra nesse cenário?

Ela se manteve fora do conflito por muito tempo financiando e posteriormente entrando ao lado dos protestantes na fase final do conflito já em 1635. Ela tentou criar um terceiro bloco do conflito, pois fez acordos com o principal principado católico - A Bavaria - e se aliou aos principais estados protestantes alemães a fim de preservar os direitos tanto de católicos quanto dos protestantes bem como tentou mascarar o conflito como sendo apenas um conflito religioso, mas sua real intenção era a de se tornar a potência dominante da Europa.

Esses conflitos ocorreram durante o reinado de Luís XIII e liderada pelo Cardeal Richelieu principal objetivo da França era neutralizar o poderio espanhol e austríaco:

*em que dois ramos da mesma dinastia Habsburgo se uniam na missão de restaurar a "monarquia universal" representada pela união de interesses entre o Império e a Contrarreforma. Por isso, em função do seu interesse nacional, a França defendeu os direitos religiosos dos protestantes alemães, embora enfrentasse, no mesmo período, em seu próprio território, rebeliões protestantes em La Rochelle. (CARNEIRO, 2006, p.167)*

A França e a Suíça foram as grandes vencedoras de tal conflito, de forma geral, com o Tratado de Vestfália sendo assinado em 1648, no qual se reconhecia a independência de diversos estados alemães, e principalmente cedeu diversos territórios para a França entre eles o importantíssimo território da Alsácia-Lorena uma região riquíssima em carvão e ferro, por outro lado esse tratado atrasou em quase duzentos anos a unificação alemã, bem como reduziu drasticamente o poder do Sacro Império Romano Germânico. Após o fim da Guerra Dos Trinta Anos, a França continuou com sérias disputas com a Espanha, disputas essas que penduravam desde o Século XVI o que ajudou a diminuir a hegemonia da mesma e aumentar a soberania francesa.

Do lado germânico como já dito antes, a Alemanha não era um estado único com fronteiras definidas, e sim um amontoado de regiões que falavam dialetos germânicos, bem como a Hungria e povos de nacionalidades eslavas (que inclusive eram em maior número que os próprios germânicos) e sendo organizada de maneira fortemente medieval como aborda o historiador Henrique Carneiro (CARNEIRO, 2006, p.172) "numa estrutura de tipo feudal, sobrepunham-se suseranias e soberanias em múltiplas entidades políticas; algumas grandes regiões, como a Bavária e a Saxônia, outras sem sequer contiguidade territorial."

Bem como também outras regiões controladas pelo poder eclesiástico como bispos e arcebispos. A população total "alemã" era de vinte milhões de pessoas, com os estados da Saxônia, Bavária e Brandemburgo sendo os maiores, com os três tendo uma população de um milhão. O Sacro Império Romano Germânico foi consolidado em 962 com a coroação do imperador Otto pelo então Papa João XII e a partir do final do século XV foi todos os futuros imperadores eram de origem Austríaca da dinastia dos Habsburgos, tendo seu tempo de vida útil até 1806 com a invasão de Napoleão à Prússia, embora tenha durado por quase um milênio e esse período alemão é chamado de Primeiro Reich onde houve tentativas de unificação, porém as mesmas não conseguiram a união de todos os povos e regiões como é possível ver nesse trecho de Henrique Carneiro (CARNEIRO, 2006, p.173) "As tentativas dos reis germânicos em proclamar-se imperadores foram apoiadas e legitimadas pelo Papado, mas nunca conseguiram, de fato, constituir um estado imperial centralizado e poderoso"

## As Reformas Alemãs:

Antes de falar sobre a unificação dos reinos germânicos é importante analisar a situação econômica da futura Alemanha. Anteriormente à unificação, os Estados eram majoritariamente agrários, com cerca de 60% da população morando e trabalhando no campo e tendo apenas as áreas do Ruhr e do Saxe industrializadas com a produção têxtil e siderúrgica. A Prússia, que era de longe o mais forte Estado Germânico, desempenhou o papel de líder na unificação alemã através da união aduaneira, e, posteriormente, convence os Estados Germânicos a se alinharem com os objetivos prussianos.

Com uma forte política de industrialização, posteriormente obriga o êxodo rural, fato esse que nunca ocorrera antes devido a agricultura de exportação, que era fortemente exercida pelos Estados. Houve a prática de proteção nacional, como é possível ver na seguinte afirmação de Cyro Rezende (REZENDE, 2001, p.153) “[...] As ferrovias são em grande parte nacionalizadas, passando a existir uma tarifa unificada para o transporte de mercadorias por todo o território alemão”

Desse ponto, diversas medidas foram adotadas para favorecer a indústria nacional pós-unificação, como, por exemplo, a prática do *Dumping*, que consiste em atribuir dois valores para o mesmo produto, sendo um mais alto para o mercado interno e outro mais baixo para o externo, visando, assim, que o próprio consumidor subsidie as exportações. Com as portas abertas para várias indústrias, que inclusive existem até hoje, surgem a Krupp, a Daimler-Benz e a Maybach-Diesel para crescerem e formarem a principal fonte de renda e desenvolvimento da então Alemanha durante o começo do século XX. Tudo isso devido ao grande incentivo à pesquisa científica, tanto por parte do Estado, com o ensino público, como por parte de cada empresa com o ensino técnico-científico.

Além da parte econômica, que acabara de ser explorada, existe também a parte política e social que sustentou a unificação alemã, e é necessário entender esses pontos. Nesse período do século XIX a Europa, em geral, estava passando por vários movimentos de cunho nacionalista, nos quais os países estavam em busca de uma identidade, e assim foi com a Alemanha, mesmo que de forma tardia. Após o Congresso de Viena, em 1815, a Prússia e a Áustria formavam uma aliança em

comum única e exclusivamente em caso de defesa. Ambos se uniriam, e tal acordo foi entendido de forma errônea pelo Imperador da França, que acreditava que os dois países germânicos estavam se unindo para uma possível ofensiva, aumentando assim a tensão entre franceses e futuros alemães. Mas também esse acordo era mal visto principalmente por Bismarck que considerava o mesmo como um atraso para a unificação alemã

Já para o chanceler prussiano Bismarck, o sistema prendia a Prússia numa associação com a Áustria na Confederação Germânica, estabelecida em 1815, na qual a Prússia era o parceiro menor; a manutenção da Confederação permitia a existência de diversos pequenos Estados germânicos, impedindo a Prússia de promover a Unificação da Alemanha sob sua liderança. (VIDIGAL, 2006, p.287)

Para que a Prússia, até então o maior e mais desenvolvido Estado germânico, conseguisse realizar seu plano de unificação, o imperador Guilherme I, coroado após a constatação de doença e posterior morte de seu irmão Guilherme IV, em 1858, e 1861, respectivamente, sabia que o primeiro passo era reorganizar e modernizar o exército prussiano para, assim, eliminar as falhas. Com isso em mente, ordenou ao seu general Albrecht Von Ronn um relatório, que fora entregue ainda em 1858, acentuando os pontos que necessitavam de atenção: artilharia e armamento deviam ser modernizados, mais quartéis para haver um aumento no contingente militar e diminuir a importância da *Landwehr*, para que o exército fosse leal a monarquia.

*Landwehr*, criado em 1813, era uma milícia de cidadãos, uma espécie de guarda nacional, que dispunha de sua própria organização e de seu armamento, cujos efetivos eram constituídos não só pelo pessoal que, após passar três anos no Exército e dois na reserva, era transferido para o *Landwehr*, onde serviria por mais alguns anos, mas também pelos civis que não tinham sido chamados para o Exército (excedentes) devido às falhas do sistema de conscrição. (VIDIGAL,2006, p.291)

O órgão responsável pelas despesas governamentais era a chamada Baixa Câmara que, em 1858, era composta por liberais, a qual temiam que essas reformas no exército suprimissem seus direitos. Então a Câmara passou a negar a liberação de verba para o exército, mesmo depois que Ronn fora nomeado Ministro da Guerra por Guilherme I, o que só foi resolvido quando Bismarck entrou na balança exercendo a

função de ministro-presidente. Tendo assim início as mudanças quando o general Helmut Von Moltke também se ergueu ao poder por nomeação do Imperador,

Como Helmut von Moltke era chefe do Estado-Maior prussiano desde 1857 — confirmado em 1858 pelo regente —, estavam agora no poder na Prússia os homens que seriam responsáveis pela transformação do exército prussiano na máquina de guerra que iria mudar o equilíbrio de poder europeu. (VIDIGAL, 2006, p.292)

quando propôs a abolição da parcela civil da *landwehr* e criando, em seguida, os chamados “comandos de área”, que eram compostos por soldados do exército regular e desempenhavam a função de treinar os recrutas durante sete anos, e, só depois, os mesmos ingressavam na *Landwehr*, que a essa altura foi encarregada de cumprir tarefas básicas como guarnecer posições defensivas, transporte de materiais e defesa dos depósitos na retaguarda.

Houve, também, uma grande modernização das armas, e os rifles e canhões aumentando drasticamente o alcance e a precisão dos disparos, bem como o carregamento pela culatra – o que proporciona uma taxa de disparo maior em comparação ao carregamento pela boca. A Artilharia prussiana foi a primeiro momento desorganizada e com equipamentos ultrapassados, o que dificultou o seu uso durante a guerra Austro-prussiana. Porém, após ela, estudos realizados em parceria com a Krupp proporcionaram uma modernização na artilharia com novos modelos de canhoes de aço maiores e de melhor qualidade, proporcionando um grande e significativo desempenho da nova artilharia.

Por causa dessa fraqueza, nos quatro anos seguintes a Prússia faria reformas profundas: as baterias de campanha foram totalmente reequipadas com canhões de aço, o que permitia maiores cargas de projeção e, portanto, maior alcance, e de alma raiada e carregamento pela culatra, fabricados nas instalações da Krupp (VIDIGAL, 2006, p.293)

Assim sendo após todas essas reformas e melhorias a Prússia poderia finalmente começar seu desejado processo de unificação dando início a diversos conflitos.

### **A Guerra dos Ducados:**

Esta guerra, que se iniciou em 1864, se deve ao fato de os ducados de Schleswig e Holstein, pertencentes a Dinamarca, estarem almejando a sua independência, e isso foi muito malvisto pela Prússia, pois, em sua visão, entendia que iria perder acesso ao mar, bem como territórios para seu futuro Império e pelo motivo de que ambos os reinos tinham descendência germânica, pois fizeram parte do Sacro Império Romano Germânico no passado. Dessa maneira, a Prússia fez uma momentânea aliança com a Áustria, na qual Bismarck atuou novamente, fazendo ainda outros acordos que, em linhas gerais, estipulavam, em caso de desacordo entre as duas potências germânicas em relação a dominação dos ducados, este deveria ser resolvido à base de diplomacia, além de que a Áustria deveria auxiliar a Prússia contra qualquer outro ducado germânico que tentasse apoiar a Dinamarca ou se ela realizasse um contra-ataque. Bismarck antecipadamente formulou um tratado também com Napoleão III, da França, para que não se envolvesse na Guerra dos Ducados e, em seguida, após articular sabiamente essas manobras, a invasão dos territórios poderia e de fato começou. Apesar de ter uma resistência dinamarquesa nas regiões a mesma não pode conter o avanço dessa poderosa aliança

A 1º de fevereiro, as forças prussianas e austríacas penetraram no Schleswig, com as forças dinamarquesas recuando para a posição fortificada de Düppel, logo cercada pelas tropas prussianas sob o comando do príncipe Frederico Carlos, irmão do príncipe herdeiro Frederico Guilherme. (VIDIGAL, 2006, p.299)

A região de Jutlândia, importante península ao norte, foi invadida e tomada, e, com isso, os dinamarqueses propuseram um armistício (trégua temporária entre os dois lados de um determinado conflito), no qual os prussianos ficaram com a maior parte do território dinamarquês; porém, não poderiam influenciar seus cidadãos, que continuavam sob a jurisdição do governo dinamarquês. Bismarck, além de aceitar os termos, também acrescentou que o exército não deveria opinar, ações essas que não foram aprovadas nem por Rönne, e nem por Moltke, pois entendiam que o exército não era só um instrumento, como um bisturi de um cirurgião, mas, sim, um dos pilares de uma nação, ou império, e que deveria, sim, ter suas vontades atendidas por seus líderes maiores. Houve pouca ação naval devido ao fato de que a Prússia não possuía uma marinha significativa, e foi durante o mês de maio de 1864, durante uma batalha

no Mar do Norte, que navios dinamarqueses, sob comando do comodoro Swenson, venceram (devido a sua artilharia) a frota Austro-prussiana comandada pelo almirante Wilhelm Von Tegerthoff. Embora tenham vencido os dinamarqueses, não conseguiram manter o seu bloqueio da costa contra as tropas austro-prussianas, que posteriormente o romperam. É interessante perceber que muitos países europeus ameaçaram intervir na guerra, como por exemplo a Inglaterra, porém nenhum deles queria de fato disponibilizar recursos para auxiliar um pequeno país de menor influência ou mesmo romper as relações políticas e diplomáticas que tinham com Bismarck. Assim sendo, a Prússia anexou Schleswig e a Áustria anexou Holstein, dando um fim à Guerra dos Ducados; porém a paz duraria pouco, visto que dois conflitos ainda viriam a acontecer para que finalmente ocorresse o pangermanismo.

## **A Guerra Austro-Prussiana:**

Após o fim do conflito anterior, Bismarck rapidamente se mobilizou para diversas vezes contatar Napoleão III, a fim de conseguir apoio francês em um possível embate contra a Áustria, prometendo, em troca, territórios para a França. Porém, ela estava preocupada com a unificação italiana e o que isso impactaria no mapa europeu. Com toda a sagacidade, Bismarck conseguiu de Napoleão III a sua palavra de que manteria a neutralidade. Com isso resolvido, Otto então se aproveitou de um determinado momento em que Holstein estava passando por manifestações e enviou uma carta a Viena, alegando que, se não fossem resolvidos tais problemas, a aliança entre prussianos e austríacos estaria dada por encerrada. Em seguida Bismarck convocou Guilherme I e seus ministros para uma reunião, na qual fora debatido que um conflito contra a Áustria ajudaria a apressar a unificação, além de que ela poderia ser feita sob interesses diretos dos prussianos. O Rei seguiu sendo contra uma guerra entre germânicos, porém autorizou a Bismarck seguir com seus planos. Após a Áustria tomar conhecimento de que um aliança entre Italianos e prussianos fora feita, mobilizou suas tropas para a fronteira de Holstein, e, em resposta, com as influências de Bismarck, a Prússia também mobilizou tropas para as fronteiras.

Ficou claro que muitos Estados apoiariam a Áustria, e então Guilherme I enviou um ultimato aos Estados, até então neutros, ordenando que liberassem seus territórios para a livre passagem das tropas prussianas. Tal exigência foi negada e, logo em seguida, foi iniciada a invasão desses reinos pelas tropas de Guilherme. Em pouco toda a Alemanha setentrional estava já sob controle direto da Prússia.

Já no front Sul a Itália estava pressionando a região de Veneto, enquanto a Áustria, ao mesmo tempo em que a Prússia avançava do outro lado, causando assim a divisão das forças austríacas, como Bismarck previu. Além disso, também foram utilizadas pela primeira vez na Europa as ferrovias para fins militares.

Para Moltke, o advento da ferrovia permitia que muito mais homens e equipamentos fossem posicionados, bem mais rapidamente, em frentes mais amplas que anteriormente. Ele não hesitou em trazer as estradas de ferro e o telégrafo sob controle do governo, adaptando-os para uso militar. (VIDIGAL, 2006 p.294)

Essa batalha teve um número de soldados chegando na casa dos 450 mil, efetivo esse que só seria superado pela Grande Guerra que viria a ocorrer. Além do efetivo maior, a Prússia contava também com armamentos e táticas superiores às austríacas:

O emprego, pelos prussianos, de fuzis modernos com carregamento pela culatra, enquanto os austríacos só dispunham de fuzis de carregamento pela boca, de muito menor cadência de tiro, foi um dos fatores decisivos para a vitória, além, é claro, da estratégia superior de Moltke (VIDIGAL, Armando, 2006, p.306)

Após vencer a Áustria, Guilherme propôs penas mais brandas, a fim de não a transformar em seu futuro inimigo, pois acreditava que ainda poderiam precisar do poderio austríaco. Sendo assim, a Itália ficou com o território de Veneto, como prometido, e a Prússia ganhou territórios antes austríacos, bem como pequenos outros territórios de ducados aliados a Áustria, e ela também seria excluída de qualquer unificação germânica, e, juntamente com seus aliados, tiveram que pagar indenizações à Prússia. Adicionalmente, os exércitos de diversos Estados germânicos ficariam sob o comando direto da Prússia, em caso de guerra externa, finalizando assim a guerra austro-prussiana. Entretanto, um conflito ainda estava por estourar antes da definitiva vitória germânica.

## A Guerra Franco – Prussiana

Essa guerra começou devido aos desentendimentos entre os governos francês e prussiano, pois ambos cobiçavam o trono espanhol, que acabara de ficar vago após a abdicação de Isabel II. Napoleão III mandou cartas a Guilherme I solicitando que explicasse os motivos de querer assumir o trono espanhol, e logo obteve sua resposta. Guilherme escreveu a carta-resposta a Napoleão III, porém ela foi interceptada por ninguém menos que Bismarck, que a alterou, escrevendo ofensas e declarando guerra a França. O plano de Bismarck era enfraquecer a mesma, ao mesmo tempo em que queria concluir a unificação germânica. Além do mais, se a França atacasse primeiro, iria gerar um sentimento de união entre os povos germânicos, pois não estariam atacando um único ducado ou região, e, sim, o povo alemão.

Bismarck conseguiu, novamente, empregar sua inteligência para que diversas regiões se aliassem à Prússia visando combater a França, e assim o fizeram. Os germânicos, conseguiram, em princípio, empregar táticas de flanqueamento e de cercamento contra o exército francês, o qual demonstrou diversas dificuldades em combate. Somado a isso, Bismarck realizou conversações com a Bélgica e propôs um acordo para que ela não atacasse as possíveis tropas francesas, que estavam encurraladas em sua fronteira, pois o plano era de que as próprias tropas alemãs os perseguissem em território belga, e, coincidentemente, o rei Belga aceitou os termos.

Após a batalha de Sedan, com a vitória alemã, o sentimento de patriotismo e de pertencimento prevaleceram por toda a futura Alemanha. Com isso, diversos outros pequenos ducados que ainda estavam receosos admitiram que havia necessidade de unificação e, então, reconheceram Guilherme I como seu soberano. Esta guerra já estava vencida após cinco semanas de seu início, embora ainda tenha demorado cinco meses para ser finalizada, pois a resistência em Paris foi extremamente pesada, com ações de guerrilha e de combate urbano, um pequeno prelúdio do que viriam a ser os combates do século XX. Essa condição pegou o exército e seus comandantes de surpresa, já que não estavam preparados para enfrentar esse tipo de combate. Mesmo com toda essa resistência a vitória alemã foi conquistada, e, então, Guilherme I foi coroado na cidade de Versalhes como Kaiser (Rei) do recém-nascido e unificado Império Alemão. O Tratado de Frankfurt, além de pôr um fim à guerra, humilhou a França, obrigando-a a ceder territórios importantíssimos, como a Alsácia-Lorena, e

pagar uma indenização pelos danos a Alemanha, além de uma marcha triunfal do exército alemão pelos Campos Elísios em Paris. Todos esses fatores acumulados foram gerando um sentimento revanchista na França, que iria se recompor para futuramente voltar-se contra o Império Alemão.

Com essa mudança brusca na balança de poder europeia, a Alemanha passou a ser a nação mais poderosa do continente, mesmo não tendo condições de se igualar à Royal Navy britânica. As nações europeias começaram, então, a antever a guerra como o único possível meio de “diplomacia”, gerando um enorme clima de tensão em diversas regiões, e com isso passando a investir pesado em armamentos e em contingente militar, levando a Europa a se tornar o tão famoso barril de pólvora, no qual a menor das faíscas ocasionaria a maior das explosões. Uma possível solução para isso seriam os acordos realizados entre os líderes de cada nação, o que, de fato, foram feitos. A França, que estava com o sentimento de revanchismo contra a Alemanha, se uniu à Inglaterra, que também não estava satisfeita em perder espaço para a Alemanha, formando assim a Tríplice Entente (A Rússia entraria nesse acordo mais tarde). Do outro lado, a Alemanha procurou se aliar com o Império Austro-Húngaro (assim como Bismarck previu que aconteceria anos atrás) e com a recém unificada Itália, formando o outro lado da moeda – A Tríplice Aliança – que buscava fazer frente à entente. As tensões foram cada vez mais se agravando, até o fatídico ano de 1914.

## Capítulo 2 – Primeira Guerra Mundial

Para entender o estopim que deu início à Grande Guerra é importante destacar o conceito de pan-eslavismo, ou seja, os países do leste europeu, como a Eslováquia, Eslovênia, Lituânia, Servia, Bósnia-Herzegovina, entre outros países menores que possuíam descendência eslava, estavam desenvolvendo um sentimento de união e de pertencimento, buscando formar um único país, assim como ocorreu com os países germânicos. Todo esse sentimento buscava se libertar da dominação do Império Austro-Húngaro, e os países eslavos seriam, então, apoiados pela Rússia, também de etnia eslava, mas que, sub-repticiamente, tinha a real motivação de diminuir outros impérios europeus e de tomar posse de mais territórios, expandindo seu domínio.

Dado todo esse cenário, foi então que, em julho de 1914, o herdeiro do Império Austro-húngaro, Francisco Ferdinando, foi assassinato por sérvios em Sarajevo, capital da Bósnia, dando início à intensificação das tensões que antes já alcançavam níveis preocupantes. A resposta foi a declaração de guerra do Império Austro-Húngaro contra a Sérvia, logo em seguida apoiada pela Rússia, que viu nessa situação a oportunidade de, como já referido antes, apoiar os países eslavos e, ao mesmo tempo, tentar ganhar espaço na Europa Ocidental. A Alemanha, que possuía rivalidades com a França e a Inglaterra devido a questão da Alsácia-Lorena e da produção industrial, respectivamente se uniu aos austro-húngaros contra a Entente, juntamente com a Itália que, por não ter tido conquistas significativas, viu na Alemanha a possibilidade de crescer, pois as conquistas que a Alemanha alcançaria seriam também da Itália, e com isso estava decidido os dois lados do conflito.

O conflito teve início com a chamada “Guerra de Movimento”, na qual ambos os lados buscavam conquistar territórios e avançar o máximo que conseguissem; nesse contexto, a Alemanha invadiu e massacrou a Bélgica, iniciando, logo em seguida, a invasão da França, empurrando os exércitos franceses para o interior do país com sucessivos avanços, até que o Milagre do Marne aconteceu – que foi o momento em que os aliados barraram totalmente os avanços alemães através de linhas enormes de trincheiras e buracos cavados se conectando entre si, formando redes defensivas enormes, e foi então que na frente ocidental a guerra entrou em sua segunda fase: a Guerra de Posições, a qual proporcionou a fama das trincheiras.

Desse ponto, os dois lados combatiam basicamente no mesmo lugar, sem nenhuma conquista significativa de território, e, para piorar, as táticas e as doutrinas militares ainda estavam presas aos séculos passados, consistindo em lançar fileiras de soldados diretamente contra o exército inimigo. Entretanto, o terreno entre as trincheiras, chamado de “terra de ninguém”, era composto por nada mais que tudo o que estava a disposição para impedir alguém de ultrapassar, ou seja, arames farpados, cercas, minas terrestres, vários tipos de obstáculos, além do terreno em si, ser cheio de crateras e lamaçais. Para finalizar, era posta em combate a metralhadora, uma nova tecnologia capaz de disparar continuamente por longos intervalos, obliterando as ondas de soldados que buscavam desesperadamente transpassar todos esses obstáculos, apoiadas por artilharia pesada que disparava incessantemente.

A vida dentro da trincheira não era nada melhor que fora dela, com os combatentes passando frio, fome, contraindo doenças, tendo que lidar com a lama e com a enorme quantidade de ratos que caminhava livremente por entre eles. Tais roedores acabam com a pouca comida, e até mesmo com a coroa dos fuzis. A Alemanha teve então que combater em duas frentes, após a Rússia tentar invadir a Prússia, porém o poderio militar alemão, juntamente com as tropas austríacas, empurra a Rússia de volta para seu território, que não possuía outra opção senão a de jogar defensivamente, como aborda Hobsbawn (1995, p.28) “Apesar de ocasionais contraofensivas russas, ficou claro que as potências centrais tinham o domínio e que a Rússia travava uma ação defensiva de retaguarda contra o avanço alemão”.

Um detalhe curioso é que, desde 1915, a Itália que possuía o acordo com as potências centrais, simplesmente “virou a casaca”, se aliando à Entente após a Inglaterra prometer vantajosos territórios para ela se lutasse ao seu lado. Com tudo isso ocorrendo, ficou claro que a frente ocidental estava em um enorme ponto estagnado, e isso se tornou um problema grave no front, como é lembrado por Hobsbawn (1995, p.29) no seguinte trecho: “Como romper o impasse na Frente Ocidental? Esse era o problema crucial para os dois lados, pois sem vitória no Ocidente nenhum dos dois podia vencer a guerra”

A Alemanha, como potência militar, possuía em suas mãos grandes avanços tecnológicos, os quais possibilitaram o começo de uma solução para essa guerra estática que estava sendo travada. A princípio de tudo, como já referido antes, a

artilharia de ambos os lados procurava disparar salvas ininterruptas a fim de romper as defesas adversárias, porém isso não se mostrou eficiente. Foi então que os germânicos procuraram investir na indústria química, produzindo os primeiros gases tóxicos para serem lançados nas trincheiras, como o terrível gás mostarda – o que se mostrou eficiente não pelo número de soldados que abateu, mas, sim, pelo número que deixou incapacitado de lutar. Juntamente com os gases vieram os primeiros lança-chamas. Devido a todo o horror causado pela guerra química, ela foi banida posteriormente. Claro que as inovações não se limitaram ao solo, com os aviões sendo empregados no conflito com a missão inicial de reconhecimento e de observação, devido ao fato de não serem capazes de carregar armas pesadas ou grandes quantidades de bombas. Nessa área, a Alemanha novamente se destaca pelo uso de dirigíveis, que possuíam maior capacidade de carga e foram usados como bombardeiros. Embora essas missões não fossem tão comuns, deram margem para que, futuramente, fossem realizados massivos bombardeios. Quando então foram desenvolvidos os aviões específicos para a guerra, deu-se início também as batalhas aéreas – destacando o piloto Alemão “Barão Vermelho” – mas, novamente, não eram tão significativas quanto viriam a ser na Segunda Guerra. A função precípua dessas aeronaves foi a de dar suporte à infantaria durante os ataques.

Outra tecnologia que foi desenvolvida, dessa vez pelos aliados, (Inglaterra mais especificamente) foi o veículo blindado de combate sobre esteiras, apelidado de tanque de guerra, e esse foi de fato o divisor de águas para o impasse das trincheiras, pois os aliados podiam avançar, mesmo que lentamente, contra as posições defensivas alemãs. Apesar de seus esforços, não conseguiam deter tão facilmente esses monstros de aço por serem fortemente armados com canhões e metralhadoras, possibilitando que a tripulação combatesse com muito mais segurança do que se estivessem expostos em campo aberto. A tecnologia que mais se provou eficaz foi o uso dos submarinos, com os alemães saindo novamente à frente. A estratégia de ambos os lados na guerra naval era a de bloquear a chegada de suprimentos de qualquer tipo, ou seja, desestabilizar aos poucos as economias de ambos os lados e vencer a guerra por meio da fome e do caos que ocasionaria. Isso foi decisivo para a derrota alemã que, ao torpedear e afundar navios americanos arrastou esse país para o conflito. Falando brevemente dos EUA, eles estavam o tempo todo fornecendo armas e suprimentos para os aliados – a guerra é lucrativa para alguém, especialmente se esse alguém não está diretamente envolvido – e perceberam que

além do conflito já estar se estendendo demasiadamente, os aliados não teriam condições de pagar a dívida caso perdessem. Entretanto, os Estados Unidos estavam apenas procurando um motivo para entrar de fato na guerra, e o acharam quando ocorreram os afundamentos de seus navios mercantes. Em 1917 os EUA entram efetivamente no combate, e nesse ano eclode a revolução russa, obrigando-a a sair do conflito. Foi então que a Alemanha tentou sua cartada final – As Ofensivas de Primavera – nas quais os alemães iniciaram fulminantes ofensivas contra a França. Algumas foram vitoriosas, e outras perdidas. A derrota Alemanha se mostrou certa quando os EUA desembarcaram um significativo contingente militar na Europa, o qual possibilitou com que os aliados contra-atacassem de forma eficiente e a cada mês que se passava mais e mais soldados americanos eram engajados no combate, dificultando significativamente uma resposta da Alemanha a isso, o que só a fez recuar em direção a seu território.

A situação alemã estava tensa, e após quatro anos sua população estava desgastada pela guerra e pela fome, ocasionando sérias revoltas. Pressionado, o Kaiser renunciou e fugiu para a Holanda; logo em seguida a república é proclamada e é assinada a paz com os países aliados, colocando fim nesse terrível conflito. Para os militares, no entanto, isso foi considerado uma traição, pois quando a paz foi assinada ainda havia batalhões inteiros combatendo na França, além do que o território alemão não foi de fato invadido. Foi desse ponto que começou a surgir um sentimento alemão de vingança, tanto contra os políticos alemães quanto contra os vencedores da Grande Guerra. Esse sentimento foi agravado e alimentado pelo Tratado de Versalhes, assinado em 1919, e que, claramente, por influência e desejos franceses continha severas e desnecessárias punições contra a Alemanha, limitando também seu exército para evitar outra possível guerra e forçando-a a pagar indenizações milionárias aos vencedores. Diversos territórios antes conquistados pelos alemães tiveram de ser devolvidos (entre eles o importante território de Alsácia-Lorena) com o objetivo de reduzir as influências germânicas na Europa. Contudo, o revanchismo alemão passa a crescer principalmente na mente dos militares que foram forçados a submeter-se a uma derrota e a um tratado humilhante, que fora assinado por políticos que nem se quer chegaram a pisar no front e claro que esse acordo não iria garantir a paz, como reforça o historiador Eric Hobsbawn no seguinte trecho: “Não é necessário entrar em detalhes da história dos entreguerras para ver que o acordo de Versalhes não

podia ser a base de uma paz estável. Estava condenado desde o início, e, portanto, outra guerra era praticamente certa.” (HOBSBAWN, 1995, p. 34).

Esse sentimento revanchista vai gerar um regime autoritário que irá se erguer em 1933 e que conduzirá suas ações para um cenário de conflito novamente ainda maior e mais violento que foi visto em 1914, mudando o mundo e principalmente a Europa, assim como mostrando o quão perigoso é dar espaço para o autoritarismo agir livremente.

## A Grande Depressão

Após a Grande Guerra, a maioria dos países europeus estavam ou endividados com os EUA ou destruídos e desestabilizados com as consequências da guerra propriamente dita, e o primeiro cenário elevou o patamar norte-americano a um ponto nunca antes visto em sua história, firmando-se como potência mundial a partir de 1918, visto que a Europa exportava os bens de consumo ou então seguia pagando dívidas exorbitantes, e isso claramente dava margem para que todo o poder industrial estadunidense pudesse ser empregado, e de fato o foi. Embora os EUA ainda importassem enormes quantidades de matéria-prima de outros países, não era o suficiente para desequilibrar a balança americana, pois não dependiam de outros países: (HOBBSAWM, 1995, p.75) “[...] passara a ser praticamente autossuficiente, exceto pelo suprimento de umas poucas matérias-primas; jamais dependera particularmente do comércio externo”

Na década de 20 os países europeus começaram lentamente a recuperar sua economia (ainda dependentes da americana), com algumas poucas exceções, como a Alemanha e Itália, que continuavam ainda em abismo econômico, muito pelo fato de o Tratado de Versalhes ser pensado para de fato destruir e controlar a Alemanha, impedindo-a de ter chances de se reerguer, temor esse advindo principalmente da França. Curiosamente, esse mesmo tratado fora muito criticado por um jovem economista – John Keynes – que afirmava que “castigar” a Alemanha e a sua economia dessa forma não ajudaria em nada para equilibrar a economia e provavelmente a paz europeia. Com o já citado boom na economia americana, era de se esperar que sua sociedade estivesse em muito situação, surgindo, daí, o termo “American Way of Live”, ou “modo de viver americano”, sob o qual as famílias detinham bens de consumo e automóveis e uma ideia de progresso infinito, além de ser uma prova pra eles de que o sistema capitalista liberal funciona, indo contra o modelo socialista soviético que, ironicamente, não sofreu com a crise de 29 devido à sua política interna e aos planos quinquenais. Evidente que, com o crescimento desenfreado da indústria e apesar das inúmeras propagandas, a realidade era que os trabalhadores recebiam pouco e começaram a investir suas economias em ações na bolsa americana, a qual, em outubro de 1929, sofreu brusca queda, gerando a maior crise do capitalismo/liberalismo. Os trabalhadores ficaram desempregados,

desamparados e desesperados, e é claro que essa crise no então centro do mundo não teria apenas efeito nacional.

Os problemas foram sentidos em todo o mundo, pois tendo suas economias interligadas não teriam como escapar das consequências que foram, resumidamente, o aumento da pobreza e do desemprego; a Grande Depressão, como ficou conhecida, só seria resolvida com a subida ao poder do presidente Franklin D. Roosevelt. Seu “New Deal”, plano econômico que visava a intervenção do Estado como meio de garantir a proteção e a sobrevivência dos trabalhadores, embora não tenha tido sucesso total, com o país só se recuperando mesmo após o fim da Segunda Guerra Mundial; (HOBSBAWM, 1995, p.84) [...] porque as várias experiências para estimular a economia feitas pelo “New Deal” do presidente F. D. Roosevelt — às vezes de maneira inconsistente — não corresponderam exatamente à sua promessa econômica”. É importante citar que ele não propõe a estatização de propriedades privadas, e, portanto, não pode ser considerado socialista. Propôs obras públicas para gerar empregos, taxou os produtos agrícolas, até mesmo pagando para que os produtores parassem de produzir em determinado período, entre outros métodos que aos poucos foram tirando os EUA dessa situação precária.

Outro importante ponto é citar a situação do objeto de estudo desse trabalho, qual seja, a Alemanha. Ela se encontrava, como dito antes, em estado deplorável, pois não recebera ajuda de nenhum outro país. Seus cidadãos estavam passando fome, com altos níveis de desemprego e de insatisfação, e isso deu margem para que o grupo de militares que remoía a derrota de 1918 se elevasse, sob a liderança do Partido Nazista liderado por Adolf Hitler, que com um discurso de ódio e de repúdio a diversas situações as quais ele considerava inconcebíveis foi ganhando força e o apoio das massas. Seus discursos eram contra a república e a democracia, já que Alemanha democrática estava em crise, contra o liberalismo americano, por ter agravado mais ainda essa crise, e ao mesmo tempo contra o socialismo soviético, pois juntamente com os judeus, Hitler os considerava como povo inferior e, portanto, deveria ser subjugado. Sendo assim, defendeu que o povo ariano alemão precisava de um único líder capaz de elevar o status da Alemanha a uma grande potência.

Alegando que os povos germânicos de outros países, como a Áustria, por exemplo, deveriam se unir em um novo e mais poderoso Império Alemão conhecido futuramente como Terceiro Reich, devido ao estado de desespero em que a população se encontrava, e com o controle e o trabalho do ministro da propaganda nazista, Adolf Hitler teve um impacto estrondoso na mentalidade e na vida dos alemães.

### Capítulo 3 - A Segunda Guerra Mundial

A frase dita por Richard Evans (EVANS, 2013, p.90) “O nazismo foi forjado nesse caldeirão de guerra e revolução. Meros quinze anos separaram a derrota da Alemanha em 1918 do advento do Terceiro Reich em 1933”, indica já como foi operado o pensamento e as posteriores ações que a Alemanha Nazista iria tomar, com tudo isso se iniciando de fato após a morte do presidente alemão em 1933 e Hitler ocupando o cargo de chanceler até então o mais alto. Tratou logo em tomar providências, alterando a Constituição e, posteriormente, acumulando poder absoluto, assim se autoproclamando o Führer (líder) e dando início ao famoso Terceiro Reich Alemão, ou Terceiro Império. Em princípio seu objetivo era o de tirar a Alemanha da crise, mas sorrateiramente reiniciou as atividades militares com investimentos na produção de armas, veículos de combate e aviões militares e impôs o serviço militar obrigatório. Para além disso, começou a realizar obras públicas e de infraestrutura, como por exemplo as autobans, que são as autoestradas de tráfego rápido ligando pontos importantes da Alemanha. Claro que os países estrangeiros não gostaram dessa mobilização, sobretudo militar, e protestaram, porém não tomaram atitudes reais.

Desse ponto então Hitler começou a pôr em prática seus reais planos, o de expandir o seu novo Reich conquistando territórios e os recursos que neles havia (denominado por Hitler de “espaço vital”), começando com a anexação da Áustria como parte da Alemanha, e como a maioria dos austríacos se identificava como alemães, não houve reclamações quanto a isso. Em seguida, Hitler desejava anexar os Sudetos, região da Tchecoslováquia, e isso gerou uma resposta tcheca contra tal ato, o que aumentou a tensão. Como a Inglaterra e a França não queriam nova guerra, organizaram a Conferência de Munique, onde o líder alemão alegava que se os Sudetos lhe fossem cedidos ele abandonaria o resto de suas ambições territoriais. Claro que isso não era verdade, e após a assinatura do tratado Hitler novamente atacou e invadiu outras regiões tchecas, desrespeitando logo em seguida o acordo firmado. As potências europeias novamente nada fizeram, visando evitar conflitos – o que se provou ser um erro. Após perceber que se forem pressionados os países europeus não revidariam, Hitler se tornou confiante o suficiente para declarar suas intenções de invadir e anexar o território de Danzing, na Polônia. Porém, para sua surpresa, a França e a Inglaterra se pronunciaram contra e ameaçaram uma guerra

caso essa invasão ocorresse. Na cabeça de Hitler, e de muitos de seus aliados, somente uma guerra poderia colocar a Alemanha no topo do mundo como potência, assim como os EUA se tornaram com a 1ª G.M., mas é claro que a Alemanha não poderia cometer os mesmos erros de antes, e, então, o Führer propôs um acordo de não-agressão com União Soviética de Stalin, que surpreendentemente aceitou, com algumas condições que eram as de que os dois ditadores escolheriam países específicos para invadir sem interferir um nos planos do outro. E com a URSS fora da guerra (pelo menos por enquanto) que estava por vir, Hitler, de fato, invadiu a Polônia como é abordado pelo historiador alemão Richard Evans: (EVANS,2013 p.12) “em 1º de setembro de 1939, a primeira de um total de 60 divisões de tropas alemãs cruzou a fronteira do Terceiro Reich com a Polônia. Somando quase 1,5 milhão de homens [...]”. Seguindo o combinado, Stalin também invadiu a parte leste da Polônia e a Finlândia.

A guerra do Atlântico começou com a Inglaterra tentando um bloqueio continental na Alemanha, que sabia que ainda não tinha poder naval suficiente para enfrentar abertamente a Royal Navy, fazendo novamente uso de seus temidos e letais submarinos U-boats, que se mostravam efetivos contra grandes couraçados que só possuíam blindagem efetiva em seus cascos apenas acima da linha d'água. Outro aprendizado que Hitler tinha adquirido era a de que uma nova guerra de trincheiras, como em 1916, era impraticável, visto que nesse cenário não se tinha avanços e nem conquista de territórios, o que era justamente seu principal objetivo. Tendo isso em mente seus generais criaram uma estratégia baseando-se em uma única palavra: velocidade. A então chamada Blitzkrieg, ou Guerra Relâmpago, era uma tática que consistia em ataques concentrados e em conjunto das forças aéreas e terrestres em determinados pontos, onde os veículos blindados serviam como pontas de uma afiada lança que rasgava as linhas defensivas inimigas. A força aérea alemã se concentrava em bombardear alvos específicos de grande importância, ao mesmo tempo em que paraquedistas saltavam à retaguarda das linhas inimigas para causar o caos. Logo em seguida a infantaria motorizada se encarregava de ocupar as brechas deixadas pelos tanques e de eliminar a resistência que havia restado, ou seja, o exército alemão nunca ficava muito tempo em um mesmo lugar, e isso não abria oportunidades para que o exército polonês se organizasse. Utilizando dessa estratégia a Wehrmacht (exército) alemã atravessou países como a Bélgica, o Luxemburgo e a Holanda, novamente quebrando as resistências e, posteriormente, enfrentaram a poderosa

França, que devido a arrogância de seus generais ainda presos a táticas e doutrinas do século XIX não conseguiram resistir ao avanço alemão, adentrando em território francês como um rolo compressor ininterrupto. Em 10 de Julho de 1940 a França assinou sua rendição exatamente no mesmo vagão de trem em que a Alemanha assinara a sua em 1918, deixando claro que, para Hitler, era uma questão pessoal derrotar e humilhar os franceses. Com a conquista do seu almejado troféu – A França – a Alemanha se utilizou de todo o território francês ocupado para começar os ataques à Inglaterra. Sendo uma ilha, por óbvio impossibilitava combates terrestres. É interessante ressaltar que a França foi então governada por um governo fantoche alemão, conhecido como França de Vichy e que foi combatido pela resistência francesa, que lutava contra a Alemanha e contra essa França colaboracionista.

A ideia de Hitler era a de pressionar a Inglaterra com incansáveis ataques aéreos, a fim de obter a rendição dela. Utilizando de táticas de bombardeio que foram desenvolvidas durante a guerra civil espanhola, a força aérea alemã sabia o que tinha que ser feito, além de que já haviam sido testados os novos modelos de caças e de bombardeiros alemães, que se provaram eficientes no que faziam. O que os alemães não estavam esperando eram as tecnologias inglesas, que se provaram extremamente efetivas, sendo uma delas o radar, que antecipava a chegada dos esquadrões alemães, bem como os novos caças britânicos como destaca o historiador Richard Evans no trecho em questão:

Os britânicos empregaram dois dos mais velozes e mais avançados caças do mundo, o Hurricane e o Spitfire, que haviam sido e estavam sendo produzidos em massa e em velocidade vertiginosa para fortalecer as defesas britânicas. Eles foram para o ar bem antes de a força alemã de ataque chegar, graças à invenção e à utilização do radar, inicialmente desenvolvido em 1935, à interceptação de mensagens de rádio alemãs pelos britânicos e aos milhares de observadores estacionados ao longo da costa do canal. Por conseguinte, os aviões alemães jamais chegaram a tempo de pegar os caças britânicos em terra (EVANS, 2013 p.85)

A atuação dos pilotos ingleses se provou muito eficiente para responder aos alemães. Tudo sem se contar com o primeiro-ministro britânico Wilston Churchill, que em nenhum momento deixou de proferir discursos que enchiam os corações dos britânicos de esperança e de entusiasmos, elevando seu moral e sua vontade de resistir, ainda que diariamente tenham sidos atingidos pelas bombas despejadas suas

cabeças. Nesse cenário, a guerra na Europa estava praticamente vencida, pois, mesmo que a Inglaterra não fosse conquistada, não tinha condições de invadir a França e de retomar a soberania aliada terrestre. Com isso, Hitler teve que focar sua atenção para o norte da África, onde a Itália não estava apta a lutar contra a Inglaterra, como ressalva Hobsbawm (1995, p.38) “Na verdade, a Alemanha cruzou de fato o Mediterrâneo para a África, quando pareceu que sua aliada Itália, ainda mais decepcionante como poder militar na Segunda Guerra Mundial que a Áustria-Hungria na Primeira Guerra [...]”

Com a principal base militar no Egito, a Inglaterra conseguia sempre manter sua soberania devido aos seus equipamentos militares serem superiores aos dos italianos. Sob a liderança de um dos mais brilhantes generais estrategistas alemães – Erwin Rommel – os britânicos, entretanto, foram pressionados de várias maneiras durante a campanha africana.

Em 1941, como já dito antes, a Europa estava dominada pela Alemanha e restava a Hitler, basicamente, duas opções: pressionar a Inglaterra por meio de incansáveis ataques aéreos, ou, então, levar a guerra para o leste, visando a URSS. Tomando ousada decisão, ordenou iniciar a guerra contra Stalin, rompendo seu acordo de não agressão (a essa altura é possível verificar que Hitler tinha grande vocação em quebrar acordos). Seu plano era o total extermínio e/ou a escravização dos povos eslavos, pois os considerava inferiores, além de que dominando a Mãe-Rússia teria um incalculável número de recursos ao seu dispor. Pensando nisso, em 22 de julho de 1941 deu início à Operação Barbarossa, que tinha o objetivo de conquistar Moscou. De fato, o começo da batalha foi de esmagadora vitória alemã, com os exércitos aplicando a blitzkrieg e avançando implacavelmente até a alguns quilômetros de Moscou. O que Hitler e seus generais não esperavam era a tática russa empregada. Denominada de “Política de terra arrasada”, os russos recuavam de suas posições queimando seus próprios recursos e moradias, a fim de não permitir que nada fosse utilizado pelos alemães. Somado a isso, o inverno forçou os alemães a lutarem sob uma temperatura de menos quarenta graus, o que impossibilitou armamentos e veículos de funcionarem. O esforço russo, como lembrado por Hobsbawm (1995, p.38) “as simples dimensões das reservas de espaço, força humana, valentia física e patriotismo russos, e um implacável esforço de guerra, derrotaram os alemães e deram à URSS tempo para se organizar efetivamente”

Após a rendição do Terceiro Exército em 1943 na cidade de Stalingrado, era possível perceber que uma reviravolta estava prestes a acontecer espalhando certo medo. (EVANS, 2013 p.236) “O relatório foi forçado a admitir que algumas pessoas de fato viram em Stalingrado “o começo do fim”, e dizia-se que nos gabinetes de governo de Berlim havia “em certa medida uma nítida atmosfera de desespero iminente”, , os alemães pararam de avançar e os russos tomaram fôlego para contra-atacar, utilizando novos equipamentos, como, por exemplo, o tanque médio T-34 que é destaque por Richard Evans no seguinte trecho: (EVANS, 2013 p. 187) “Mas, em 1941, eles toparam com o superior T-34 soviético, que era veloz, manobrável e ao mesmo tempo mais blindado e equipado com armas mais eficientes”, somado à bravura e à resistência de seus homens o avanço soviético mudou a frente oriental da guerra e seu destino. Esse avanço só cessou quando o prédio do parlamento alemão (Reichstag) foi bombardeado e destruído em 1945.

Antes de discorrer sobre a derrota alemã é interessante ressaltar que em 7 de dezembro de 1941 o Japão (que fazia parte do Eixo Alemanha – Itália – Japão), pressionado por objetivos expansionistas, e tendo seus recursos ameaçados, tomou uma decisão que mudaria o rumo da guerra, atacando a base militar americana de Pear Harbour, trazendo os Estados Unidos para a guerra, primeiramente no Pacífico. Hitler subestimou o poder industrial e militar americano, e, logo em seguida, declarou guerra aos EUA também, o que não precisava ser feito, já que o acordo do Eixo não obrigava todos os países a entrarem em guerra caso um de seus membros específicos entrassem, como o Japão entrou.

O cenário de uma Alemanha derrotada já estava começando a se desenhar, e ganhou força a partir de 1944, especificamente em 6 de junho, data em que a maior e mais bem articulada invasão anfíbia foi realizada, com os aliados desembarcando aos milhares na Normandia e aos poucos abrindo brechas em diversas pequenas cidades, e, posteriormente, em países ocupados. Novamente a Alemanha se encontrava dividida em duas frentes, assim como durante a Primeira Guerra, e não possuía recursos e capacidade industrial para se manter à altura dos EUA, do lado ocidental, e nem de deter o avanço soviético fulminante no lado oriental. Entre 1944 e 1945 cada quilômetro de terra conquistado pelos alemães era perdido para os aliados, e, então, pela primeira vez, a Alemanha teve seu território agredido, pois com a superioridade aérea aliada os bombardeios sobre as cidades alemãs eram cada vez mais frequentes, resultando em inúmeras vidas civis perdidas. Com o desespero do alto comando nazista aumentando,

foram tomadas diversas atitudes por parte de Hitler para manter a guerra, como, por exemplo, a de enviar crianças e idosos para combater (*Volkssturm*), alegando terem o dever de proteger o povo alemão e sua nação tendo apenas o mínimo de treinamento, resultando em total desastre e inúmeros massacres como é possível ver segundo aborda Richard Evans

Em 26 de setembro de 1944, em uma tentativa desesperada de enfrentar a falta de pessoal militar, Hitler ordenou a criação da Força de Ataque do Povo (*Volkssturm*), na qual homens de todas as idades entre 16 e 60 anos foram convocados a pegar em armas, e a fazer treinamento para uma luta final. Eles deveriam ser organizados pelo Partido, com o intuito, disse Hitler, de defender o povo alemão (EVANS, 2013, p.373)

Com os meses se passando o desespero alemão cada vez aumentava perante ao ininterrupto avanço dos aliados tanto na frente oriental quanto na ocidental, então após a morte do Führer em 30 de Abril de 1945, todo o alto comando nazista colapsa não conseguindo manter sua organização muito menos a guerra em si, não restando outra opção senão a de assinar a rendição incondicional da Alemanha em 7 de Maio de 1945, pondo um fim nas ambições expansionistas imperialistas alemãs, mas não à guerra que ainda estava acontecendo no pacífico contra o Japão e só terminaria em 14 de Agosto do mesmo ano com a assinatura da rendição japonesa.

Duas bombas atômicas foram lançadas contra o Japão, uma sobre Hiroshima e outra sobre Nagasaki. Em 14 de agosto de 1945, o Japão rendia-se incondicionalmente, pondo fim ao mais sangrento conflito da história da humanidade. No entanto, ao que parece, a bomba não objetivava apenas acabar com que ainda restava da resistência japonesa. Truman esperava que os soviéticos compreendessem o novo poderio de destruição dos Estados Unidos e avaliassem suas repercussões sobre a geopolítica e a diplomacia do pós-guerra. (TOTA, 2006, p.385)

Com esse trágico evento acontecendo, os EUA passar a mensagem ao resto do mundo de nação mais poderosa e ao mesmo tempo testar/mostrar seu novo arsenal nuclear devastador, dando inicio assim a então Guerra Fria.

## **Considerações Finais.**

Mediante tudo que foi abordado nesse trabalho, é possível concluir que quando é dado espaço para que o expansionismo e o imperialismo dominem um país, o mesmo acaba por gerar impactos na maioria das vezes negativo para o continente em que está inserido, culminando em invasões de territórios alheios e a posterior dominação e subjugação dos povos em que neles viviam, além de também ser possível perceber que o sentimento revanchista, quando cultivado e bem manipulado, pode gerar respostas agressivas em momentos posteriores, as quais geram novos conflitos e novos sentimento de vingança que são cultivados em um ciclo repetitivo.

É necessário manter viva a lembrança do que foi o Nazismo, para que de nenhuma forma aconteça novamente. Independente da situação de um país, não se deve dar o mínimo espaço para os discursos de ódio e aos regimes que se assemelhem ao Fascismo/Nazismo. A ganância e os desejos expansionistas não devem ser também cultivados, a fim de diminuir o risco de decisões mal planejadas e que possam levar a conflitos e às guerras.

## Referencias

**ALENCAR, Luiz. “Primeira Guerra Mundial”. In: MAGNOLI, Demétrio (org.) História das Guerras. São Paulo: Contexto, 2006. pp. 319-354.**

**CARNEIRO, Henrique. “Guerra dos Trinta Anos”. In: MAGNOLI, Demétrio (org.) História das Guerras. São Paulo: Contexto, 2006. pp. 184-187.**

**EVANS, Richard J. O Terceiro Reich em guerra. São Paulo: Planeta, 2013**

**GILBERT, Martin. A Primeira Guerra Mundial – os 1590 dias que transformaram o mundo. RJ: Casa da Palavra. 2017**

**GILBERT, Martin. A segunda Guerra Mundial – os 2174 dias que mudaram o mundo. RJ: Casa da Palavra. 2017**

**HOBSBAWN, Eric. A Era Dos Extremos – O breve Século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras. 1995**

**HOBSBAWN, Eric. A Era dos Impérios (1875-1914). RJ: Paz e Terra, 2008**

**REZENDE, Cyro. “História Econômica Geral”, São Paulo: Contexto, 2001**

**TOTA, Pedro. “A Segunda Guerra Mundial”. In: MAGNOLI, Demétrio (org.) História das Guerras. São Paulo: Contexto, 2006. pp. 355-390.**

**VIDIGAL, Armando. “Guerras Da Unificação Alemã”. In: MAGNOLI, Demétrio (org.) História das Guerras. São Paulo: Contexto, 2006. pp. 287-318.**

